

## DIÁLOGOS SOBRE CIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

### ENTREVISTA COM ALCIDO ELENOR WANDER

**Cintia Neves Godoi<sup>1</sup>**

A presente entrevista se insere no âmbito do projeto de pesquisa “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”, que conduz entrevistas escritas e gravadas (em plataforma virtual) com destacados pesquisadores da Área de “Planejamento Urbano e Regional e Demografia” – Plurd – área de conhecimento científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes –, coordenado por docentes do Programa de Mestrado/Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado e Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional do Centro Universitário Alves Faria.

As entrevistas escritas e virtuais objetivam: a) Compreender a trajetória histórica, social, política e econômica dos debates sobre desenvolvimento; b) Analisar as variações conceituais decorrentes da interface das diversas áreas do conhecimento na constituição do discurso científico do desenvolvimento; c) Conceber aspectos constitutivos da área da Plurd e de sua condição estratégica ao acolher programas de stricto sensu de “Desenvolvimento Regional”; d) Constituir registro escrito sobre a Ciência do Desenvolvimento Regional disponível ao público interessado nas questões, debates, pesquisas e conhecimentos promovidos por esta área do conhecimento.

Esta é a segunda entrevista publicada da série “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”. O entrevistado é pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Agronegócio (Universidade Federal de Goiás - UFG) e Desenvolvimento Regional (Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA). É Vice-Presidente (Centro-Oeste) da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) na Gestão 2021-2023. É membro do Conselho Consultivo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/AR-GO), do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (CONSUP/FAPEG) e do

---

<sup>1</sup> Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2012). Sócio-fundadora eeCoo sustentabilidade. Professora Titular do Mestrado em Desenvolvimento Regional do UNIALFA - Centro Universitário Alves Faria, Pesquisadora Funadesp. E-mail: [cintia.godoi@unialfa.com.br](mailto:cintia.godoi@unialfa.com.br)



Conselho Temático de Agronegócios da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (CTA-FIEG). É avaliador de diversas agências de fomento à pesquisa científica nacional. É membro do Comitê Editorial de revistas como *Journal of Agricultural and Applied Economics*, *Revista Econômica do Nordeste*, *Agronomia Costarricense* e *Revista de Política Agrícola*. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Economia do Agronegócio, atuando principalmente nos seguintes temas: agricultura familiar, agronegócio, desenvolvimento regional, competitividade e viabilidade econômica.

Para o professor Alcido, [...] o desenvolvimento regional, desde a sua gênese, é um campo de pesquisa interdisciplinar e multidisciplinar. Apesar da contribuição essencial de áreas como a Geografia, Economia e várias outras, atualmente pesquisadores de inúmeras áreas de conhecimento (formação básica) estão se dedicando a estudar e compreender fenômenos de forma regional.

A seguir, a entrevista completa.

### **1. O professor poderia nos apresentar aspectos que considera relevantes de sua trajetória acadêmica?**

Eu tive a oportunidade de cursar Agronomia, na Universidade de Kassel (Alemanha). É uma universidade diferente, com um viés considerado alternativo, que busca inovar nas coisas que faz. A Escola de Agronomia desta universidade está localizado na pequena cidade de Witzenhausen, no norte de Hessen, com apenas 10 mil habitantes. O curso de Agronomia desta universidade foi o primeiro da Alemanha a trazer uma formação em Agronomia que também abrangia agricultura orgânica.

Após a graduação, segui com o Mestrado (*“Aufbaustudium”*) em Ciências Agrárias (Concentração: Trópicos e Subtrópicos) na Universidade de Göttingen, que já é uma universidade de excelência, nos moldes tradicionais do ensino-pesquisa-extensão, com forte ênfase em pesquisa, inclusive nos Trópicos e Subtrópicos. Na época, tive a oportunidade de realizar minha pesquisa de campo na região Nordeste do Pará, focando na dinâmica econômica regional gerada pela produção de frutas pela agricultura familiar daquela região.

Já no Doutorado em Ciências Agrárias (*“Promotion”*), cursado também na Universidade de Göttingen (Alemanha), tive a oportunidade de desenvolver um

trabalho aprofundado de pesquisa no Brasil em ações coletivas e uso compartilhado de máquinas agrícolas na microrregião de Santa Cruz do Sul, mais especificamente na região chamada de “Centro-Serra”. Foi quando tive contato com o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC, em Santa Cruz do Sul. Enquanto realizava minha pesquisa de campo, passei a ter atuação na UNISC, ministrando algumas disciplinas no curso de graduação em Engenharia Agrícola e colaborando com coorientações em projetos de Mestrado em Desenvolvimento Regional na UNISC.

Em 2001, quando eu já estava quase concluindo o meu Doutorado em Göttingen (Alemanha) surgiu um concurso para pesquisador na Embrapa. Na época, tinha a opção de concluir o Doutorado e retornar para a UNISC, onde aos poucos teria que construir um espaço de pesquisa e orientações. O concurso da Embrapa me abriu a possibilidade de ingressar em uma carreira de pesquisador em uma das instituições de pesquisa agropecuária mais renomadas do cinturão tropical do planeta. Assim, após a aprovação no concurso público, iniciei meus trabalhos na Embrapa Caprinos em 2001, na cidade de Sobral (CE).

Quis o destino, que em 2004 eu fosse transferido para Goiânia (GO), para atuar na Embrapa Arroz e Feijão, onde atuo até hoje, em temas relacionados ao desenvolvimento das cadeias produtivas do arroz e do feijão, em nível nacional, e outras cadeias de relevância regional, na região Centro-Oeste.

Em 2006 e 2007 também tive uma passagem como Professor Substituto pela Universidade Federal de Goiás, onde atuei nos cursos de Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração, que estavam iniciando naquela IES.

Em 2006, a então “Faculdades Alves Faria – ALFA” estava preparando uma APCN para o Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional (MDR). Fui procurado pelo Prof. Elias Nazareno, que na época coordenava o trabalho de preparação da APCN. Tivemos a felicidade de ter a APCN aprovada em 2007, iniciando a primeira turma em 2008/1. Desde o início do MDR, atuei como responsável pela disciplina de Métodos e Técnicas de Análise Regional, onde buscamos trazer para a sala de aula, ferramentas para auxiliar nos projetos de pesquisa dos Discentes para desenvolverem suas Dissertações, trazendo indicadores e ferramentas para a realização de análises regionais e a dinâmica do desenvolvimento regional.

Em 2008 passei a integrar também o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esta participação se dá no âmbito de convênio entre a Embrapa e a UFG, que prevê a participação de pesquisadores da Embrapa em PPGs da UFG. Lá tenho tido a oportunidade de ministrar disciplinas relacionadas ao agronegócio, conduzir pesquisas e orientar Mestrandos e Doutorandos. Os primeiros Doutores em Agronegócio deste Programa são de 2020. Nas dissertações e teses que oriento naquele Programa, o componente regional é parte importante dos trabalhos acadêmicos.

Em 2010 tive a oportunidade de realizar um curso de Extensão Universitária sobre “Indicações Geográficas”, junto à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Este primeiro contato com o tema das Indicações Geográficas despertou o meu interesse pelo tema e, desde então, tenho desenvolvido alguns estudos sobre casos de sucesso e produtos com potencial para reconhecimento como Indicação Geográfica.

A partir de 2012 a Unialfa (na época, ALFA) passou a fazer parte da rede global chamada de “Microeconomics of Competitiveness” ou “MOC”, liderada pelo Prof. Michael Porter do *Institute of Strategy and Competitiveness* da Harvard Business School. Desde o primeiro ano desta parceria, tenho tido a oportunidade de estudar conceitos e casos de clusters como estratégia competitiva para desenvolver regiões, em diferentes partes do mundo. No escopo desta colaboração já desenvolvemos diversos estudos sobre clusters e casos de sucesso no Brasil.

De 2014 a 2019 tive uma passagem pela gestão na Embrapa Arroz e Feijão, onde tive a oportunidade de conhecer de perto as nuances, as oportunidades e os desafios de gerir uma Instituição de Ciência e Tecnologia (ICT), no contexto brasileiro. Fui Chefe adjunto de Transferência de Tecnologia, depois Chefe adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento e, por último, Chefe-Geral da Unidade.

Ao longo destes anos, sempre atuamos nas regiões, com o foco mais voltado para o agronegócio, compreendendo que as atividades econômicas sempre acontecem no tempo e no espaço, e que os atores, tanto públicos quanto privados podem contribuir para melhorar o desenvolvimento e a prosperidade das atividades e regiões.

## **2. Em que momento despertou no professor o interesse pela pesquisa em torno da temática do desenvolvimento?**

O desenvolvimento, compreendido como a melhoria das condições de vida das pessoas, já se tornou algo em torno do qual eu passei a concentrar meus estudos desde a Graduação, na Alemanha. Na época, além da matriz curricular já contemplar alguns tópicos, eu buscava atividades complementares relacionadas a projetos de cooperação internacional, onde era possível compreender como as ações destes projetos conseguiam impactar e melhorar as oportunidades das comunidades alcançadas nos países-alvo destes projetos. Então, além das atividades acadêmicas na universidade, eu participava de seminários promovidos por diferentes entidades públicas e não-governamentais, de diferentes estados da Alemanha, sobre temas ligados ao desenvolvimento em diferentes países da Ásia, África e América Latina.

Também na época da Graduação, estudando administração e economia rural, tive contato com autores como Johann Heinrich von Thünen (Teoria da Localização Agrícola; Círculos de Thünen). Como a Teoria da Localização Agrícola é uma das teorias iniciais de estudo do desenvolvimento regional, considero este primeiro contato com este autor como um “ponto de partida” para me interessar pelo desenvolvimento regional.

Então, pode-se dizer que, desde a Graduação em Agronomia, me interesse pelo desenvolvimento, principalmente, em áreas rurais.

## **3. Em que ano o professor ingressou na área Planejamento Urbano, Regional e Demografia? E quais as características desta área naquele momento?**

Em 2006 eu passei a fazer parte da APCN do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional, da ALFA. Este Programa iniciou com a primeira turma em 2008. Então, creio que 2008 pode ser considerado como o ano de ingresso efetivo na área PLURD.

A área PLURD, naquela época era constituída basicamente por Programas Acadêmicos. No caso do MDR da ALFA, era um dos poucos Mestrados Profissionais na área PLURD. O MDR, por meio de sua Coordenação, sempre participou ativamente das discussões dos Programas Profissionais da área PLURD. Esta participação nas discussões da área PLURD era mais restrita à Coordenação do MDR.

Em 2018 tive a oportunidade de participar da Comissão que avaliou as APCNs de Programas Profissionais apresentadas à área PLURD da Capes naquele ano.

**4. Antes da constituição da área Planejamento Urbano, Regional e Demografia e em que áreas do conhecimento se concentravam as pesquisas e debates sobre o desenvolvimento regional?**

A área PLURD se originou (e se desmembrou) das Ciências Sociais Aplicadas, onde estão muitas áreas de conhecimento e também com muitos PPGs. Quando iniciei a minha atuação na Pós-Graduação Stricto Senso na área PLURD, por meio do MDR/Unialfa, a PLURD já existia, ainda que abrangesse menos PPGs do que os 46 Programas atuais (Sucupira, 12/05/2022). Além disso, predominavam os PPGs Acadêmicos. Os PPGs Profissionais são um fenômeno muito recente, tanto na área PLURD como em outras áreas de avaliação também.

**5. Em sua perspectiva analítica quais as diferenças entre as concepções de desenvolvimento pesquisadas, analisadas e debatidas ao longo do século até fins da década 80 em relação as pesquisas e debates do desenvolvimento regional pós anos 90 do século XX?**

O meu foco de análise tem sido mais microeconômico. No entanto, a maioria das discussões relacionadas às teorias e concepções de desenvolvimento se dão na esfera macroeconômica. Parte-se, muitas vezes, da concepção acerca de o quanto o Estado deve ou não ser um ator relevante no processo de promoção do desenvolvimento das regiões. Discute-se muito, se o Estado deve ou não intervir. Eu parto do pressuposto que o Estado precisa, no mínimo, criar um marco regulatório que favoreça os investimentos privados que possam dar suporte ao desenvolvimento endógeno nas regiões. No entanto, sabemos que, em muitas situações, um bom ambiente de negócios não é suficiente para que tenhamos investimentos privados acontecendo de forma suficiente e equitativa nas diferentes regiões. Então, na minha concepção, cabe ao Estado criar novas oportunidades de investimento para aquelas regiões onde apenas os investimentos privados não são suficientes. Por outro lado, não acho interessante o Estado atuar como um concorrente do setor privado, mas agindo de forma a complementar estes esforços. Nas regiões que não conseguem atrair investimentos privados mais significativos, é

importante que o Estado Empreendedor possa criar novas oportunidades de desenvolvimento.

Obviamente que não há consenso sobre o quanto o Estado deve atuar ou intervir na sociedade. Isso depende da concepção e formação das pessoas que se dedicam à área, bem como da visão predominante nos Governos.

## **6. Como você caracterizaria a ciência do desenvolvimento regional produzida na atualidade?**

Eu diria que o desenvolvimento regional, desde a sua gênese, é um campo de pesquisa interdisciplinar e multidisciplinar. Apesar da contribuição essencial de áreas como a Geografia, a Economia e várias outras, atualmente pesquisadores de inúmeras áreas de conhecimento (formação básica) estão se dedicando a estudar e compreender fenômenos de forma regional. Existe uma compreensão de cada vez mais pesquisadores, que não se pode desconsiderar a questão regional, porque os fenômenos ocorrem no tempo e no espaço. Só que neste caso, estamos falando basicamente de aplicação de conceitos e princípios relacionados ao desenvolvimento regional. Acredito haver hoje uma predominância de aplicação de conceitos, e não de geração de novos conceitos e teorias relacionadas ao desenvolvimento regional.

## **7. Em sua perspectiva quais os principais desafios para a ciência do desenvolvimento regional na atualidade?**

Eu diria que atualmente no Brasil fazemos muita aplicação dos conceitos, teorias e princípios, ao estudarmos diferentes fenômenos nos territórios, mas estamos em uma época em que as contribuições teóricas para o avanço da ciência regional são mais escassas. Isso tem a ver com vários aspectos, desde a forma de cobrança e avaliação dos PPGs pela CAPES, muito voltada para o quantitativo, e pouco para o qualitativo, até a disponibilidade de recursos para pesquisa, que para o avanço da ciência depende dos aportes públicos mais significativos, que sabemos que estão mais escassos atualmente.

### **8. Quais autores ou pensadores são suporte teórico (das diversas áreas) para sua construção do pensamento na área do Desenvolvimento Regional?**

A minha visão do desenvolvimento regional passa muito pela conexão da Economia e Geografia, especialmente na minha área de formação, que é nas Ciências Agrárias. Então, autores como Hayami e Ruttan são centrais para a compreensão do modelo de inovação induzida que tivemos no desenvolvimento de nossa agricultura, no Brasil.

Celso Furtado: “Teoria estruturalista da Cepal” - como foi estabelecida, ao longo do tempo, a relação entre colônias e metrópoles, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, centro e periferia.

Autores com visão mais capitalista (ex. Michael Porter), que não possuem penetração tão grande no Brasil, também são fontes importantes na minha concepção ao proferem arcabouços tanto teóricos como analíticos para compreender e analisar fenômenos regionais, como a formação e o desenvolvimento de clusters e a sua contribuição para gerar prosperidade regional.

### **9. Percebe a existência de embates teóricos na área do Desenvolvimento Regional? Em quais temas?**

Sim, embates teóricos existem e considero que são salutares.

Um exemplo clássico é sobre o papel do Estado no desenvolvimento regional.

Enquanto há autores que defendem que o Estado é um importante indutor de desenvolvimento, e que o desenvolvimento não seria possível sem que o Estado atue, há também autores com uma visão mais liberal de que o Estado deveria se abster de atuar nos processos que interferem nas atividades econômicas e que o setor privado “cuidaria de tudo” para que as regiões se desenvolvessem de forma equilibrada e harmônica.

Vejo uma certa polarização nestes debates. Cada parte defende seu ponto de vista e não admite que a outra parte possa ter sequer alguma razão em seus argumentos. Fato é que não existe a estratégia perfeita; todas tem seus prós e contras.



**10. Considera uma rede internacional de debate na área do Desenvolvimento Regional? Quais autores e países estão envolvidos nessa dinâmica?**

Atualmente, a rede internacional com a qual tenho tido um relacionamento mais intenso é a rede MOC, liderada pelo Prof. Michael Porter (Harvard Business School), pela abordagem de clusters e a promoção do desenvolvimento e prosperidade regional. Participam desta rede, atualmente, mais de 100 instituições de ensino superior (principalmente, Escolas de Negócio) de todos os continentes.